

LIÇÕES DA REVOLUÇÃO RUSSA

Grigori Maximoff

Nem as revoluções russas nem as alemãs perceberam os objetivos que definiram a história; mas a Revolução Russa, em sua queda, revelou a natureza do socialismo de Estado e de seu mecanismo, demonstrando que não existe uma grande diferença de princípio entre um Estado socialista e uma sociedade burguesa. Ambos se esforçam para a solução de tarefas insolúveis: harmonizar liberdade e poder, igualdade e exploração, prosperidade e pobreza. Isso mostrou que entre essas sociedades, aparentemente tão irreconciliáveis e tão antagônicas, há realmente apenas uma diferença quantitativa, não qualitativa. E a tentativa de resolver o problema social, utilizando os métodos inerentes ao poder do comunismo rígido e logicamente consistente, como na Revolução Russa, demonstra que mesmo a quantidade não está sempre do lado do comunismo autoritário e que, pelo contrário, quando logicamente perseguido até o fim, se assemelha ao despotismo de muitas formas.

A experiência do desenvolvimento do poder do comunismo na Rússia nos dá a oportunidade de analisar e explicar a sua estrutura. A principal peculiaridade econômica do Estado Comunista é a produção para o uso (nos quais os produtos não se tornam *commodities*) com base em relações burocráticas, onde todos os meios de produção, toda a distribuição de bens, todo o trabalho das pessoas e o próprio indivíduo, pertencem plenamente ao Estado, que por sua vez, está nas mãos de uma pequena classe da burocracia. O resto da população é constituída por trabalhadores, forçados a entregar sua energia de trabalho ao *Trust* do Estado e com isso, criar o poder desse *Trust*, ao mesmo tempo que aumenta os padrões econômicos da classe administrativa.

A rede de relações industriais burocráticas abrange toda a vida econômica da sociedade e obriga a classe trabalhadora a uma total dependência do Estado, que divide a população de acordo com as ocupações, subordina-as à regra da burocracia, obriga-as a trabalhar sob o controle direto dos dirigentes e vê a personalidade humana apenas como uma “mão-de-obra”. O Estado movimenta sua mão-de-obra o quanto entender, considerando apenas os seus próprios interesses, e aplica a disciplina militar ao trabalho. Desta forma, o Estado comunista transforma as pessoas trabalhadoras em engrenagens sem alma na máquina centralizada, orientada durante toda a vida até o máximo cumprimento das quotas de produção, sujeitas à vontade do Estado, permitindo

apenas um mínimo de atividade, iniciativa e vontade individual. Tal situação cria desigualdades sociais, fortalece a estrutura de classes na sociedade e solidifica a regra da burocracia.

Um resultado inevitável de tal organização social é o poderoso estado policial, que se subordina a si mesmo, a cada fase da vida do cidadão. Por uma forte centralização do poder, o Estado comunista sujeita todos os seus povos a completar a regimentação, e vigia-os por meio da espionagem organizada. Este sistema destrói a liberdade de movimento, associação e reunião, de expressão e de imprensa, de luta sindical, de educação, de moradia e de desenvolvimento pessoal. Inclusive invade as relações mais íntimas entre seus cidadãos.

A evolução de tal sociedade conduzirá inevitavelmente a uma intensificação de suas contradições internas e, como no capitalismo, à luta de classes de um tipo mais difícil e cruel do que nunca. A experiência russa demonstrou a impraticabilidade de uma estrutura social deste tipo. Seus construtores são obrigados a renunciar ao comunismo autoritário a favor do comunismo livre, exigindo para sua realização a libertação do povo da tutoria policial ou de um capitalismo que pode reter essa tutoria. Os bolcheviques, para manter seu poder, escolheram o segundo caminho - o do Capitalismo de Estado.

A revolução russa, iniciada na liberdade e na liquidação da sociedade burguesa, fez um círculo completo e, ao aceitar o princípio aristocrático da ditadura, voltou para o “Comunismo de Guerra” até o seu ponto de origem - o capitalismo. No entanto, como a grande Revolução Francesa, deixou ao mundo uma idéia, que desde então se tornou a aspiração fundamental do século XX, o objetivo dos movimentos revolucionários entre as massas trabalhadoras de todos os países, raças e povos.

Somente a revolução anarco-sindicalista pode levar o proletariado e toda a humanidade no caminho da verdadeira liberdade, igualdade e fraternidade. Sozinha pode salvar a humanidade das guerras, uma vez que todos os Estados, por mais que sejam “vermelhos”, são de natureza imperialista. Com a falência do comunismo de Estado na Rússia e da socialdemocracia na Alemanha, com as contradições sempre crescentes dentro da sociedade capitalista, a luta das massas trabalhadoras contra a ordem social existente está crescendo e se expandindo por todo o mundo, ao mesmo tempo que continua o progresso técnico - resultando no constante alargamento das empresas industriais e na socialização dentro dos processos produtivos - cria os pré-requisitos materiais essenciais para a transferência de uma economia capitalista para

uma mais perfeita - a do comunismo libertário. Essa transferência possibilitará e realizará uma revolução social bem-sucedida e, de fato, é a aspiração fundamental do movimento anarco-sindicalista internacional.

Somente a revolução social é capaz de destruir a propriedade privada e seu pilar, o Estado; de estabelecer a propriedade pública e uma organização autogestionária, federalista da sociedade com base na livre associação de unidades produtivas em fábricas e aldeias. Só isso pode assegurar a liberdade, isto é, o bem-estar e o desenvolvimento gratuito do indivíduo na sociedade e da própria sociedade. Somente isso vai parar a divisão da sociedade em classes e abolirá todas as possibilidades de exploração ou do governo do homem pelo homem.

A experiência da Rússia mostrou que uma condição essencial para a realização bem sucedida da revolução é a estrutura comunal-sindicalista, baseada nos princípios do comunismo anarquista. Este é o período de transição, levando eventualmente a completar a anarquia e o comunismo, que devem seguir a destruição da sociedade do estado capitalista. Permitirá ao proletariado não só suprimir a oposição contrarrevolucionária pelas classes parasitas, mas também evitar o despotismo social numa “ditadura do proletariado” ou em outras formas.

Esta fase de transição é caracterizada pelo fato de que nela, como disse Bakunin, “a terra pertence apenas àqueles que trabalham com suas próprias mãos - ou seja, às comunas agrícolas. O capital e todos os meios de produção pertencem aos trabalhadores, ou seja, às associações de trabalhadores.” Ao mesmo tempo, “toda organização política deve ser nada mais do que a federação livre de trabalhadores livres, tanto agrícolas como industriais”. Ou seja, na política do comunalismo, a federação de aldeias livres; no sindicalismo econômico, na federação de fábricas e oficinas livres como formas organizativas do comunismo. Em tal sistema, as fábricas e aldeias, unidas entre si, se desenvolverão gradualmente em comunas produtoras-consumidoras.

“Vilas e ofícios”, disse Bakunin,

que se reorganizarão dessa maneira de baixo, não criarão - no início, uma organização perfeita em todos os pontos de acordo com o nosso ideal. Mas será uma organização viva e, como tal, mil vezes maior do que a existente hoje. Esta nova organização, que sempre estará aberta à propaganda e que não será capaz de se tornar rígida e inflexível por meio de quaisquer sanções jurídicas do Estado, progredirá livremente, desenvolvendo e aperfeiçoando-se de acordo com algum plano pré-ordenado, não de acordo com decretos e leis, mas sempre em

liberdade e vitalidade, até alcançar um estágio de eficiência que podemos esperar em nossos dias.

As classes trabalhadoras são assim confrontadas com o grande objetivo da libertação e do renascimento do mundo. A tarefa do anarco-sindicalismo internacional é ajudar ativamente na sua realização. Para acelerar a solução mais rápida e justa para o problema histórico que enfrenta o proletariado, os anarco-sindicalistas, beneficiados pela experiência da luta de classes, das revoluções e particularmente do grande experimento histórico na Rússia, estão desenvolvendo tarefas concretas para o período de transição (o tempo de passagem do capitalismo para o comunismo anarquista) e dar-lhe um conteúdo positivo ...

Nota de Robert Graham¹ sobre este texto selecionado de Grigori Maximoff:

No Volume Um de “Anarquismo: Uma História Documental das Idéias Libertárias”, inclui várias partes das “Lições da Revolução Russa”. O Capítulo sobre a Revolução Russa em si começa com uma seleção de Maximoff sobre a cooptação dos conselhos soviéticos de trabalhadores e camponeses pelo Partido Bolchevique. Maximoff chamou de uma “terceira revolução” e apoiou a criação de conselhos de fábrica como órgãos genuínos de autogestão dos trabalhadores. Maximoff era um líder anarco-sindicalista russo e crítico da emergente ditadura bolchevique. Nos trechos seguintes, escritos no final da década de 1920, Maximoff expõe algumas das lições da Revolução Russa. O artigo original foi reimpresso em sua publicação póstuma, “Anarquismo Construtivo”, e mais tarde como um panfleto, “O Programa do Anarcosindicalismo”.

*** Texto publicado em “Anarchism, Chapter 18: The Russian Revolution vol. 1” de março de 2012. Original em inglês disponível em: <https://robertgraham.wordpress.com/2012/03/17/gregory-maksimov-lessons-of-the-russian-revolution/trackback/>. Tradução: Pablo Mizraji. ITHA, 2017.**

¹ Robert Graham é um escritor e historiador anarquista canadense.